O nível sintático I

Nesta aula, o objetivo é fornecer fundamentos sintáticos que contribuam para a atuação de tradutores e intérpretes da Libras, bem como para a compreensão dos interessados em questões linguísticas sobre as regras de estruturação da gramática dessa língua. Para tanto, discute-se a visão de sintaxe subjacente ao trabalho de Quadros e Karnopp (2004), obra-base para a explanação aqui elaborada sobre a estrutura sintática da Libras. Além disso, você vai poder refletir sobre diferentes abordagens de análise linguística. Tenha em mente, durante tal reflexão, que não existe uma abordagem mais correta do que a outra, mas apenas explicações mais adequadas conforme os objetivos que se tem em mente. Você verá, por exemplo, que se a intenção for respeitar a norma culta de uma dada língua, a Gramática Tradicional serve muito bem, no entanto, se o objetivo for saber por que determinadas ordenações sintáticas são possíveis e outras não, então ela não pode ajudar.

O que é sintaxe?

Na visão da Gramática Tradicional, conforme Berlinck, Augusto e Scher (2003), o termo *sintaxe* remete à parte da gramática dedicada à descrição do modo como as palavras são combinadas para compor sentenças, sendo essa descrição organizada sob a forma de regras. Estas são obtidas por meio do arrolamento de um grande número de autores consagrados, a partir dos quais são listadas, sob a denominação de regras, as formas empregadas por eles para combinar e organizar as palavras em sentenças e as sentenças em texto. Algumas dessas regras, inclusive, são bem conhecidas. Pense no caso da regra que estabelece a ordem direta (sujeito-verbo-complementos) para a organização dos constituintes da sentença.

Contudo, essa visão de sintaxe – entendida como regra do bem falar e do bem escrever – para os propósitos desta aula, não interessa. Na verdade, interessa à discussão a ser empreendida aqui uma visão de sintaxe que não é "uma", mas duas. Isso porque definir o que vem a ser sintaxe varia do ponto teórico sobre o qual o pesquisador se posiciona em relação a como concebe as noções de linguagem e língua.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Duas grandes correntes pelas quais as análises seguem são o formalismo e o funcionalismo. A abordagem formalista se dedica a questões relacionadas à estrutura linguística (natureza de seus constituintes e relação entre eles), sem dar atenção às relações entre a língua e o contexto no qual está inserida, uma vez que considera a língua como um objeto de estudo em si mesmo, autônomo e autossuficiente. Por tal razão, nessa abordagem, toda análise linguística é feita considerando-se e enfatizando-se a sentença. No funcionalismo, a língua, ou melhor, a linguagem, é vista como um sistema não autônomo, nascido da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade. Em virtude de a comunicação ser, na visão funcionalista, uma função essencial da linguagem, determina o modo como a língua é estruturada. Por isso, nessa abordagem, a análise da língua deve considerar tanto o falante quanto o ouvinte e as necessidades da comunidade linguística.

Cada pesquisador, ao se debruçar sobre o estudo de uma dada língua, trilhará um caminho ou outro. Em relação à Língua Brasileira de Sinais, a publicação mais conhecida sobre sua estruturação, referência para muitos outros pesquisadores desta língua e para a elaboração de cursos de Libras – inclusive de graduação e pós-graduação –, é o *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos,* de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. As autoras trabalham numa perspectiva formalista, mais especificamente na linha da Gramática Gerativa. Portanto, muito do que será abordado nesta aula deriva da leitura das autoras, que, não se pode esquecer, olham para a Libras de um ponto de vista formal, procurando, a partir do estudo de sentenças dela – e este é um conceito que deverá ser retomado –, estabelecer quais são os constituintes desta língua e como eles se organizam. Antes de proceder à exposição da sintaxe da Libras, é necessário que você, estudante, familiarize-se com o programa gerativista.

Noções preliminares sobre a Gramática Gerativa

Em primeiro lugar, deve ficar claro que a Teoria Gerativa se preocupa em explicar o que chama de *competência linguística* do falante em oposição ao que chama de *desempenho linguístico*. Isso significa, em termos bastante simplistas, que o gerativismo está preocupado com a língua enquanto representação mental, algo que está na mente do falante. Algo esse que possibilita o desempenho, mas é de natureza diferente da competência. O desempenho está para o uso, para a fala, e a competência para a capacidade mental que possibilita o uso, capacidade essa que é inata. Assim, do ponto de vista gerativista, "[o] falante de

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

qualquer língua natural tem um conhecimento inato sobre como os itens lexicais de sua língua se organizam para formar expressões mais e mais complexas, até chegar ao nível da sentença" (NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2007b, p. 81). É nesse conhecimento inato, como ele se organiza e como organiza a língua, que o gerativismo está interessado.

Na Teoria Gerativa, argumenta-se que todas as crianças nascem com um dispositivo chamado de *faculdade da linguagem* que lhes possibilita adquirir qualquer língua, durante o período crítico de aprendizagem[1]. Essa faculdade da linguagem é uniforme para todas as crianças. Quando nascem, todas elas apresentam a mesma capacidade, partem do mesmo estado inicial de aquisição da linguagem, possuindo os mesmos mecanismos, não importa se no futuro falarão Libras, chinês ou português. Somente ao serem expostas a uma dada língua, as crianças passam a desenvolver um conhecimento específico sobre ela, conhecimento esse que é fruto "da interação da informação genética que ela traz no estado inicial de sua faculdade da linguagem com os dados linguísticos a que é exposta" (NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2007a, p. 96).

O estado inicial de que se falou acima também é conhecido como Gramática Universal, já que é entendido como o conjunto de princípios linguísticos universais à disposição de todas as crianças via determinação genética. Alguns desses princípios são invariáveis, se mantêm os mesmos desde o nascimento até a etapa final de aquisição linguística, outros são flexíveis, chamados de parâmetros, vão se moldando conforme o *input* (o que ela ouve ou vê do uso da língua das pessoas que a rodeiam) recebido pela criança. Isso tem a ver com o Modelo de Princípios e Parâmetros, forma como a Gramática Gerativa concebe a língua e que a leva a estudar, como seus objetivos centrais:

- a descrição do conhecimento linguístico atingido por qualquer falante de qualquer língua;
- a caracterização da Gramática Universal; e
- a explicação dos processos que levam uma criança da Gramática Universal para o conhecimento de sua língua (NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2007a, p. 97).

Dessa forma, nas seções a seguir, você acompanhará a proposta de descrição, elaborada por Quadros e Karnopp (2004), do conhecimento linguístico atingido pelos

[1] Não há um consenso quanto à idade crítica, isto é, o limite, para que a criança adquira sua língua materna. Porém, muitos linguistas e psicolinguistas indicam que há sim um período, ainda que não se possa precisar exatamente, em que a capacidade de aquisição de linguagem da criança estaria em pleno funcionamento. Se durante tal período a criança não for exposta a uma língua (imagina-se que a idade limite esteja entre 4 e 6 anos), vindo a entrar em contato com uma língua muito depois, ela corre o risco de nunca adquirir de modo pleno e satisfatório essa língua, apresentando características de uma linguagem primitiva, sem complexidade.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

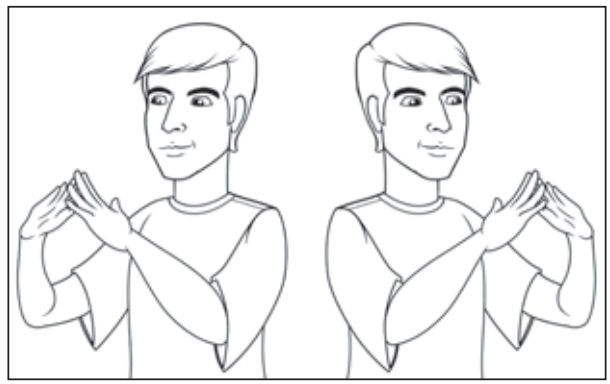
usuários da Libras, ou seja, a descrição da capacidade linguística dos mesmos sobre a constituição lexical de sua língua e de como ela se organiza em estruturas complexas para formar sentenças.

A sintaxe espacial

Ao tratar da análise linguística da sintaxe da Libras, Quadros e Karnopp (2004, p. 127) advertem que para cumprir tal tarefa é preciso que o interessado "enxergue" "esse sistema que é visual-espacial e não oral-auditivo." Em relação a isso, as autoras argumentam: "[d]e certa forma, tal desafio apresenta certo grau de dificuldade aos linguistas; no entanto, abre portas para as investigações no campo da Teoria da Gramática enquanto manifestação possível da capacidade da linguagem humana" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127).

Por ser uma língua espaço-visual, a Libras "monta" suas sentenças distribuindo os constituintes (sinais) de uma determinada maneira no espaço, sendo que relações espaciais específicas são empregadas para desempenhar variados papéis gramaticais. Um exemplo é o de identificação de referentes no discurso. Na Libras, os referentes (eu, ele, você, nós, eles, relações anafóricas etc.), presentes fisicamente ou não, são identificados por sua associação a uma localização no espaço, sendo que diferentes recursos podem ser empregados. A seguir, são ilustradas as possibilidades apresentadas pelas autoras:

- fazer o sinal em um local particular (nesse caso, o sinal é produzido no local estabelecido para o referente com o qual estabelece relação);

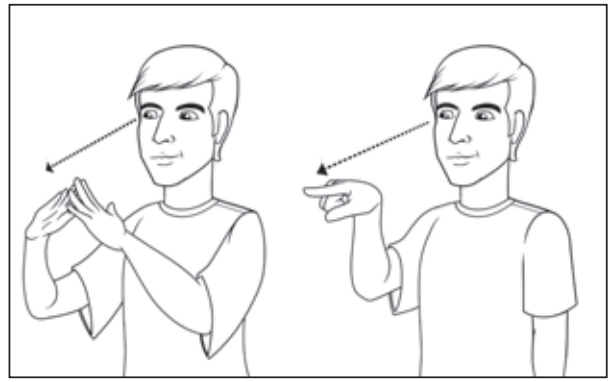


IESDE Brasil S.A.

CASA (do João). CASA (do Pedro).

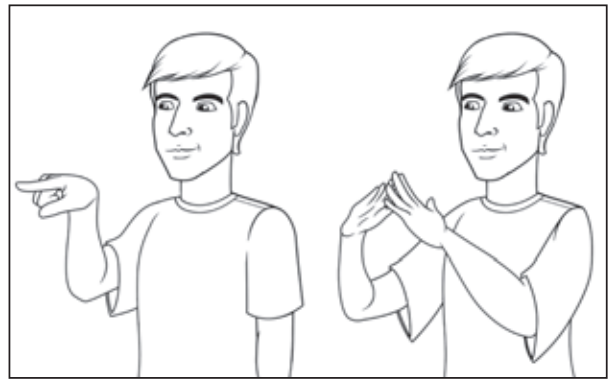
- direcionar a cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular simultaneamente com o sinal de um substantivo ou com a apontação para o substantivo;

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



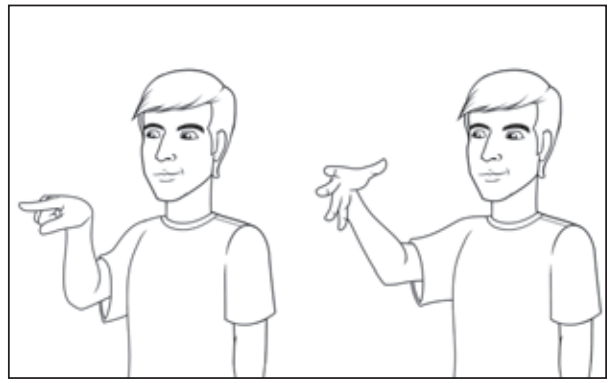
CASA. IX (Casa).

- usar a apontação ostensiva antes do sinal de um referente específico (por exemplo, apontar para um ponto "a" associando esta apontação com o sinal de CASA; assim o ponto "a" passa a referir casa);



IX (Casa).

- usar um pronome (a apontação ostensiva) numa localização particular quando a referência for óbvia[2];

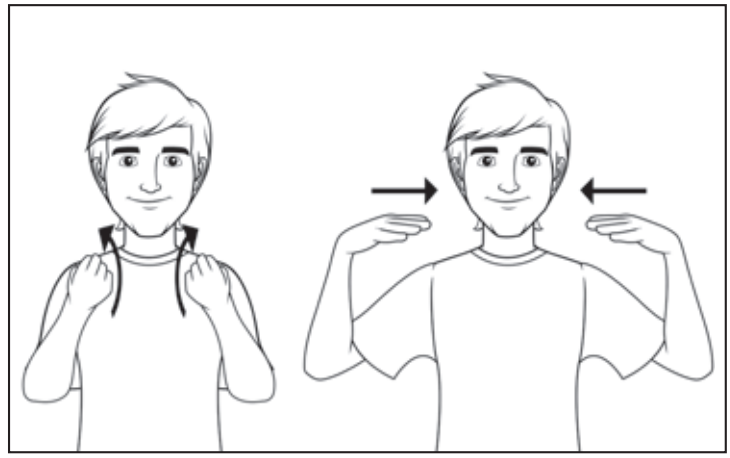


X (Casa) NOVA.

[2] Provavelmente, por *óbvia* as autoras querem significar que a referência é do conhecimento dos envolvidos na situação de comunicação, isto é, faz parte do conhecimento compartilhado dos indivíduos em interação.

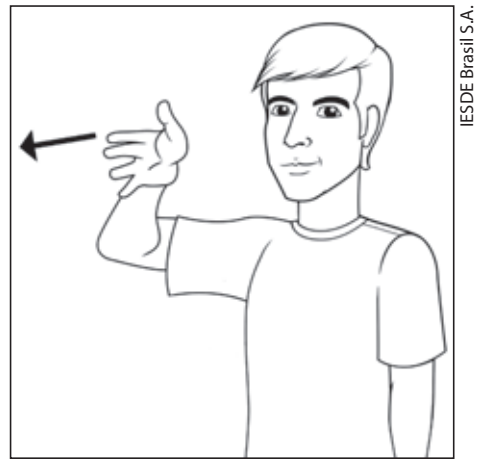
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- usar um classificador (que representa aquele referente) em uma localização particular;



CARRO CL (carro passou um pelo outro).

- usar um verbo direcional (com concordância) incorporando os referentes previamente introduzidos no espaço (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 126-129).

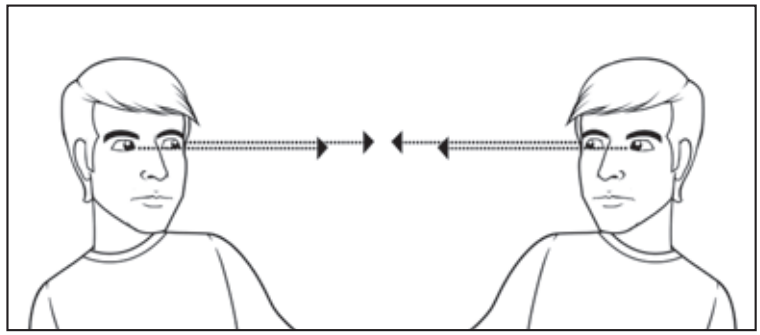


(eu) IR (casa).

Na Libras, expressões faciais, além de sinais manuais, também podem desempenhar papéis gramaticais, marcando construções sintáticas específicas, sendo chamadas de marcações não manuais. Também com base na obra de Quadros e Karnopp (2004, p. 132), são apresentadas a seguir algumas marcações não manuais, o papel gramatical que desempenham e o sistema de notação para elas:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

■ Marca de concordância verbal por meio da direção dos olhos – notação < >*do*.

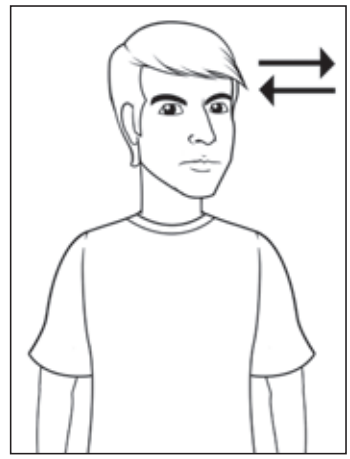


< > do.

■ Marca de construções com foco – notação < >*mc*.

< > mc.

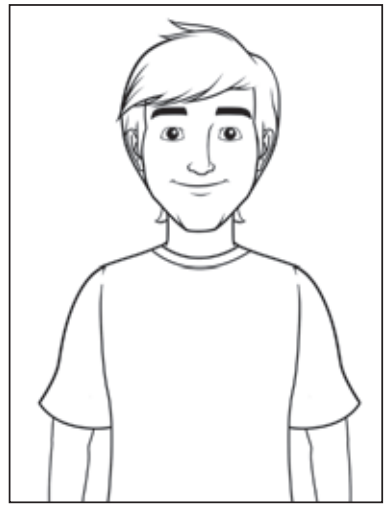
■ Marca para negação – notação < >*n*.



< > n.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

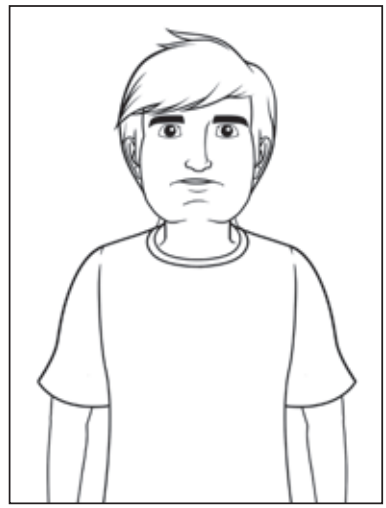
- Marca de construções com tópico por meio da elevação da sobrancelha – notação < >*t*.



IESDE Brasil S.A.

< > t.

- Marca de interrogativa do tipo QU[3] – notação < >*qu*.



IESDE Brasil S.A.

< > qu.

[3] Diz respeito às perguntas feitas com pronome interrogativo (que, quem, quando e onde), por exemplo: "O que João comprou?", "Quem não foi para a aula ontem?" e "Onde estão meus livros?".

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- Marca de interrogativa do tipo S/N (cuja resposta só pode ser sim ou não) – notação < >*sn*.

IESDE Brasil S.A.

< > sn.

Agora que você já conhece um pouco mais do uso do espaço e outros recursos para estabelecer relações sintáticas na Libras, pode se dedicar, com menos dificuldade, à compreensão da ordem sintática nessa língua, tema da próxima seção.

A ordem sintática na Libras

Por ordem sintática, deve-se ter em mente os possíveis arranjos que os constituintes tomam dentro de uma determinada sentença. Em outras palavras, isso significa que a ordem das palavras pode variar dentro de uma sentença. Considere os exemplos abaixo:

(1) Eu encontrei a pessoa que você procurava por acaso. (S-V-O-Adj)

(1a) Eu, por acaso, encontrei a pessoa que você procurava. (S-Adj-V-O)

(1b) Por acaso, eu encontrei a pessoa que você procurava. (Adj-S-V-O)

(1c) Eu encontrei, por acaso, a pessoa que você procurava. (S-V-Adj-O)

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

(1d) A pessoa que você procurava eu encontrei por acaso. (O-S-V-Adj)

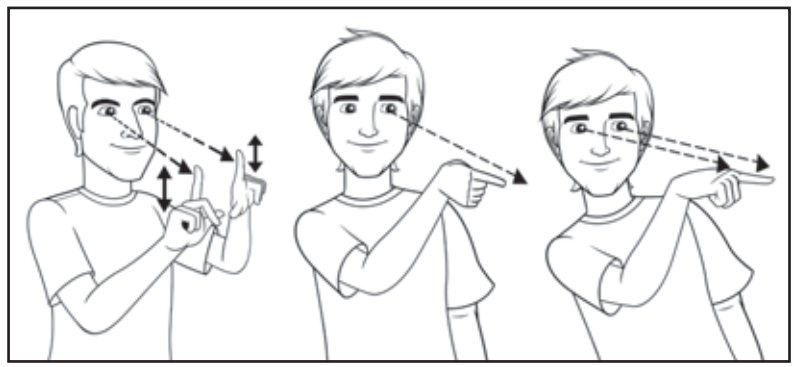
(1e) Por acaso, a pessoa que você procurava eu encontrei. (Adj-O-S-V)

Essas são algumas possibilidades de variação da ordem dos constituintes na língua portuguesa, considerada uma língua com pouca mobilidade se comparada a línguas como o latim, alemão e a própria Libras, que mostra uma flexibilidade considerável na ordem das palavras. É preciso ter em mente que os constituintes citados dizem respeito ao sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) das sentenças, sendo que os adjuntos (Adj) não são considerados constituintes obrigatórios da estrutura sintática. Contudo, em algumas línguas, o português por exemplo, os adjuntos apresentam maior mobilidade, podendo ocorrer na posição inicial e final da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o objeto. Em outras, como a Libras, essa mobilidade é um tanto limitada, os advérbios de tempo e frequência, por exemplo, aparecem somente nas posições iniciais e finais.

A verdade é que no plano da expressão, do desempenho linguístico, cada língua escolhe uma única ordem de palavras como dominante, que é a considerada básica ou canônica em tal língua, a qual convive com outras possibilidades de organização. Tanto no português como na Libras as sentenças SVO são muito naturais, sendo que exemplos com essa ordem são considerados sempre gramaticais. Estudos (FELIPE, 1989; FERREIRA-BRITO, 1995 e QUADROS, 1999) apontam que a ordem básica da Libras é a SVO, sendo que a variabilidade da ordem não é aleatória. Geralmente, ela é motivada pela interação de diferentes fenômenos sintáticos. A seguir, são apresentadas algumas das possibilidades de ordenação diferentes da SVO encontradas em Quadros e Karnopp (2004):

- A presença de concordância verbal e marcas não manuais pode acarretar as ordens OSV e SOV;

  $<TV_b>$do $<IX_a>$do[4] $<_a ASSISTIR_b>$do (OSV)

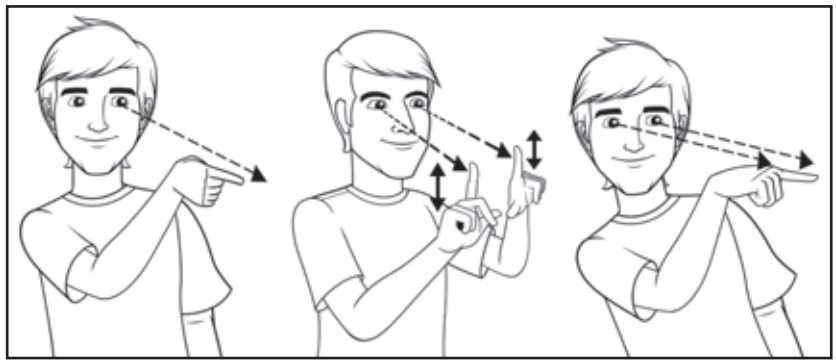


IESDE Brasil S.A.

[4] O símbolo IX representa a incorporação do referente no espaço, significa, então, que um referente como "ele" foi sinalizado pelo recurso de estabelecer um ponto específico no espaço para fazer menção a esse referente.

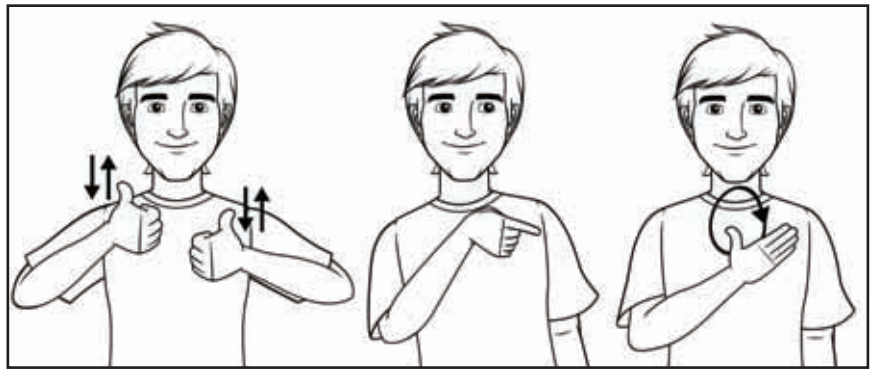
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

<IX$_a$>do <TV$_b$>do <$_a$ASSISTIR$_b$>do (SOV)



IESDE Brasil S.A.

FUTEBOL <IX>do <GOSTAR>do (OSV)



IESDE Brasil S.A.

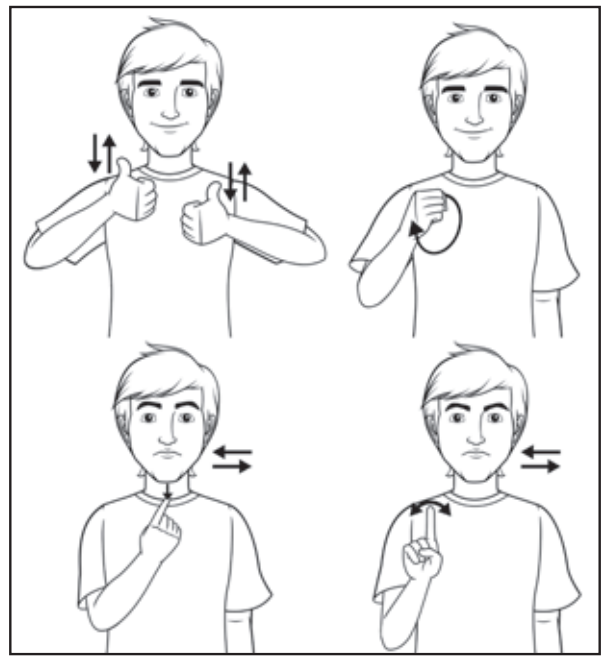
<IX>do FUTEBOL <GOSTAR>do (SOV)

IESDE Brasil S.A.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- O uso de tópico altera a ordem da sentença, gerando uma estrutura OSV;

  <FUTEBOL>t <JOÃO GOSTAR NÃO>n



IESDE Brasil S.A.

- O uso de construções com foco, incluindo verbos sem concordância, podem gerar a ordem SOV;

  EU LIVRO <PERDER>mc

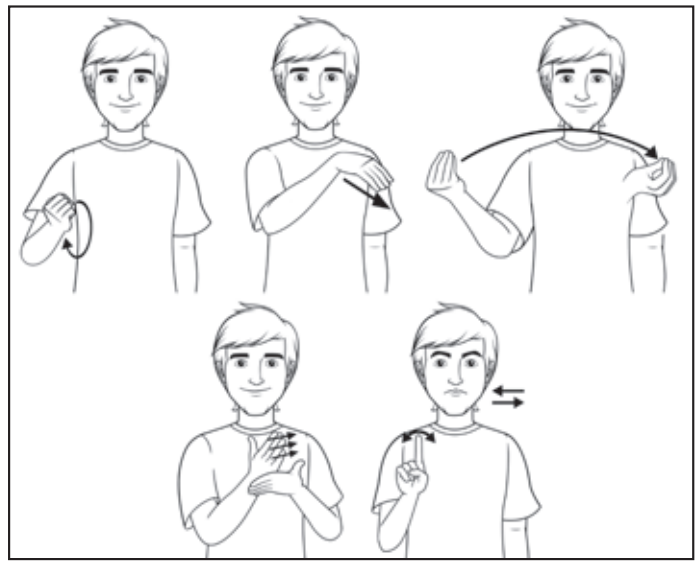
IESDE Brasil S.A.

- Elevação do objeto nas construções contendo verbos com concordância também pode gerar a ordem SOV;

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

JOÃO$_a$ MARIA$_b$ $_a$DAR$_b$ LIVRO NÃO[5]

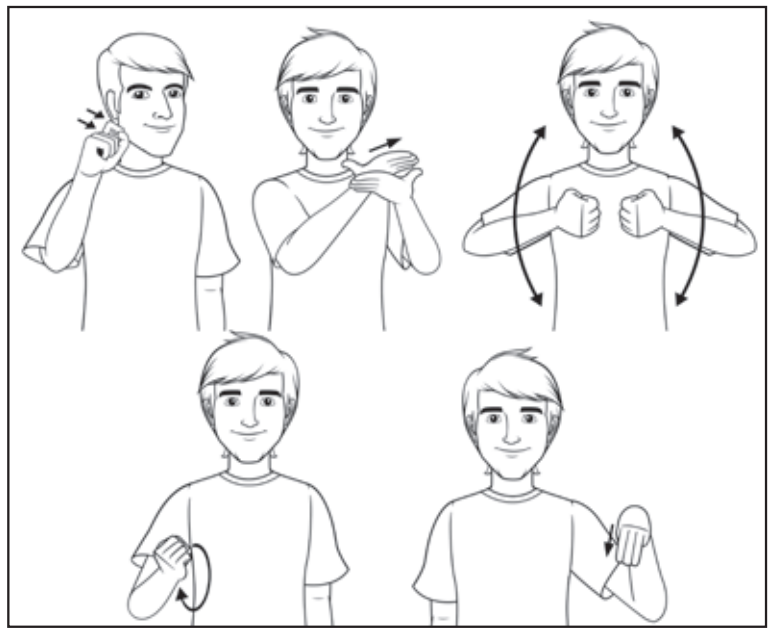
João não deu o livro para Maria.



IESDE Brasil S.A.

- O emprego de foco contrastivo gera a ordem VOS.

QUEM COMPRAR CARRO JOÃO OU MARIA?

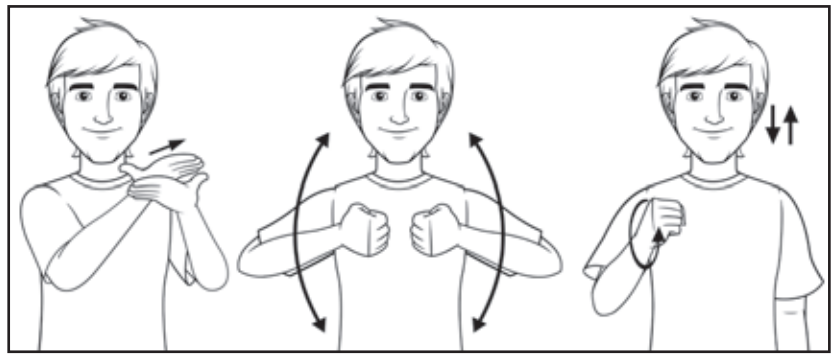


IESDE Brasil S.A.

[5] Nesse caso, um dos objetos internos da sentença (Maria) foi movido para antes do verbo, motivo pelo qual as autoras identificam essa estrutura como SOV.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

COMPRAR CARRO <JOÃO>foco



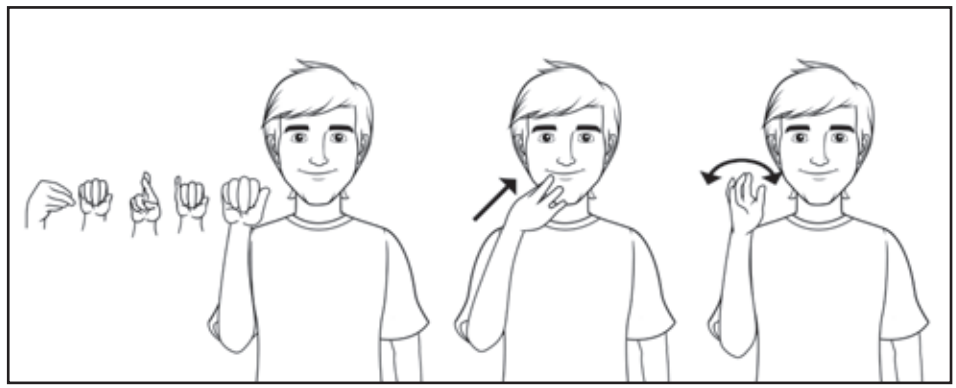
IESDE Brasil S.A.

A próxima seção se ocupa em detalhar um pouco mais o comportamento dos constituintes de sentenças que apresentam verbos com concordância e de sentenças com verbos sem concordância.

A repercussão dos tipos de verbo na estrutura sintática

Segundo Quadros e Karnopp (2004), os verbos na Língua Brasileira de Sinais se dividem em pelo menos duas classes:

a) Verbos sem concordância: não se flexionam em pessoa e número, são, portanto, verbos que exigem argumentos (sujeito e objeto) explícitos, já que não há marcas no verbo que possam identificar os argumentos da frase. Exemplos desse tipo de verbo são: conhecer, amar, aprender, saber, inventar e gostar. Veja como fica uma frase com um desses verbos e seus respectivos argumentos:

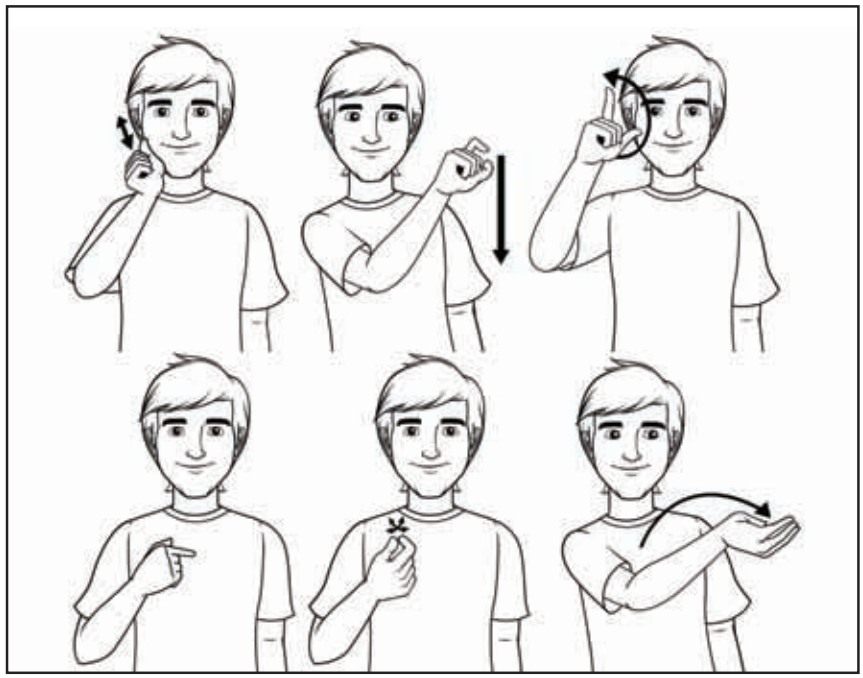


IESDE Brasil S.A.

MARIA CONHECER CURITIBA.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

b) Verbos com concordância: flexionam-se em pessoa e número, apresentando marcações não manuais e movimento direcional. Exemplos dessa categoria são: dar, enviar, responder, perguntar, dizer e provocar. Agora, observe a sinalização do exemplo abaixo:



IESDE Brasil S.A.

ONTEM EU DAR DINHEIRO ELA.

É interessante observar, neste ponto, que para análise linguística de uma sentença a primeira coisa que se deve considerar é a presença do verbo. Identificando o verbo principal da sentença é possível perceber se os sintagmas em seu entorno são argumentos ou adjuntos. Tirando o núcleo de um sintagma, por exemplo, o verbo, considera-se adjunto tudo aquilo que não for argumento. Observe a seguir a análise[6] de uma sentença do português:

(2) Eu encontrei por acaso a pessoa que você procurava.

Para facilitar a análise, já que ela será feita de forma linear, é bom colocar os constituintes na ordem direta (sujeito, verbo, objeto e adjuntos):

(3) Eu encontrei a pessoa que você procurava por acaso.

Primeiramente, há de se identificar o verbo principal, o que sustenta a sentença como um todo:

[6] Aqui se está empregando uma representação da estrutura diferente do sistema de representação arbórea proposto pela Gramática Gerativa, a intenção é facilitar a sua compreensão, já que para dominar a representação gerativa de uma sentença são requeridos muitos pressupostos teóricos que não cabem para o momento.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

(4) Eu [encontrei]$_{\text{verbo principal}}$ a pessoa que você procurava por acaso.

Encontrado o verbo principal, deve-se procurar por seus argumentos, ou seja, os constituintes da sentença que saturam as posições argumentais[7] do verbo encontrar, a saber, $x_{sujeito}$ *encontrar* y_{objeto}:

(5) [Eu]$_{\text{sujeito}}$ encontrei [a pessoa que você procurava]$_{\text{objeto}}$ por acaso.

Observe que a posição de objeto é preenchida por uma sentença, a esse fenômeno de uma sentença ocupar o lugar de um sintagma (algo maior, mais complexo, fazendo as vezes de algo menor, menos complexo) chamamos *subordinação*. É possível verificar, no exemplo acima, que restou na estrutura o sintagma *por acaso*: ele é um adjunto. Cada sintagma pode ainda ser analisado em constituintes menores, porém, para o que se pretende para esta aula, o que foi exposto já é suficiente.

Essa digressão se fez necessária para instrumentalizá-lo, estudante, de forma que você possa acompanhar o objetivo desta seção: analisar os efeitos dos tipos de verbos (sem concordância e com concordância) sobre a ordem dos constituintes na estrutura sintática das sentenças em Libras. A partir daqui, são apresentadas as possibilidades de ordenação sintática conforme o tipo de verbo segundo explanação encontrada em Quadros e Karnopp (2004, p. 158-162):

- Verbos com concordância:
  - Sentença apresenta mais liberdade na ordenação dos constituintes;
  - As marcações não manuais são obrigatórias nos verbos com concordância;
  - Apresentam argumentos nulos[8];
  - A negação (o não) é realizada antes do verbo.
- Verbos sem concordância:
  - Sentença apresenta menos liberdade na ordenação dos constituintes;
  - As marcações não manuais não são obrigatórias nos verbos sem concordância;
  - Não apresentam argumentos nulos;
  - A negação (o não) é realizada depois do verbo, no caso de verbo de um único argumento (sujeito) ou de o objeto ter sido movido para o início da sentença (tópico). Se o verbo apresentar objeto, o não será realizado depois do sintagma verbo + objeto.

[7] As nomenclaturas usadas também não pertencem todas à Gramática Gerativa. Para aproximar o conteúdo exposto de seu conhecimento prévio, estudante, a posição de argumento externo está sendo identificada pela nomenclatura de sujeito e a de argumento interno, pela nomenclatura de objeto. Nem sempre, contudo, tais posições são ocupadas por essas "funções".

[8] Algo equiparado com o que se chama de sujeito oculto na Gramática Tradicional.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Texto complementar

Sintaxe

(LEITE, 2008, p. 28-30)

Os estudos da sintaxe da ASL e das demais LSs do mundo ganharam um novo impulso a partir da década de 1970. Até então, a maior parte dos pesquisadores acreditava que a ordem das sentenças na ASL era basicamente livre, sem restrições, tendo em vista que, em diferentes contextos discursivos, os sinais correspondentes a sujeito e objeto apareciam posicionados de diferentes maneiras em relação ao verbo. Essa visão começou a mudar a partir de estudos que vieram destacar o importante papel dos sinais não manuais, principalmente relativos ao rosto e à cabeça, na identificação de fenômenos sintáticos (BAKER, 1978; BAKER; PADDEN, 1978; LIDDELL, 1978).

Em Liddell (1978), uma história repleta de personagens sem nome foi elaborada a fim de se verificar como orações relativas eram produzidas na ASL. Foi solicitado a alguns surdos que lessem e memorizassem a história para, em seguida, recontá-la em ASL. Ao notar que as expressões faciais dos narradores pareciam estar desempenhando um papel importante, Liddell tirou fotos da tela do televisor em cada sinal isolado. Com isso ele pôde constatar que os sinalizadores mantinham uma expressão facial em uma posição de cabeça particular durante todo o período em que realizavam os sinais relacionados à relativa, configuração essa que mudava tão logo um nova predicação era iniciada, como mostra a figura abaixo – reproduzida de Liddell (2003a, p. 54).

"O cachorro que há pouco perseguiu o gato veio para casa"

IESDE Brasil S.A.

Figura 1 – Expressão facial marcando e delimitando relativa na ASL.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

No início dos estudos da ASL, Stoke *et al*. (1965) já haviam destacado o fato de que algumas expressões faciais desempenhavam um papel importante, argumentando que, para que questões do tipo sim/não fossem reconhecidas como tais, elas necessariamente precisavam ser acompanhadas de uma expressão facial e posição de cabeça marcadas. Mais tarde, Bellugi e Fischer (1973) e Baker (1976) apontaram ainda o papel do balanço da cabeça de um lado para o outro acompanhado de uma expressão facial não neutra na realização de orações negativas.

Wilbur (2000) propõe que as regiões superior e inferior do rosto, relativas aos sinais não manuais, estejam relacionadas a diferentes domínios sintáticos: sinais da parte superior do rosto ou a cabeça (sobrancelha, olhar, posição e movimentos de cabeça) ocorreriam com constituintes maiores, tais como orações e sentenças; sinais da parte inferior do rosto (boca, língua, bochechas), diferentemente, se associariam com itens lexicais ou com os sintagmas em que tais itens aparecem, em especial para veiculação de informações adjetivas ou adverbiais (p. 224-225).

Com o estudo de Liddell (1978) sobre as relativas, então, passa a ganhar força a proposta de que sinais não manuais, formados principalmente por determinadas combinações de posição da cabeça e expressão facial, serviriam para delimitar constituintes gramaticais como sintagmas e orações de maneira geral. Baker e Padden (1978), então, corroborando a relevância dessa correlação por meio de experimentos com condicionais, argumentam explicitamente a favor da necessidade de análise dos sinais não manuais em investigações voltadas à delimitação dos constituintes básicos da ASL.

Tais estudos levaram muitos pesquisadores a rever a questão da ordem dos constituintes na sentença, até então assumida como livre na ASL. Em especial, a descoberta de dois sinais não manuais – um específico para a marcação de tópicos, formado por uma combinação de posição da cabeça e expressão facial, e outro para marcação de *tags questions*, formados por um pronome acompanhado de um aceno de cabeça – levou Liddell a afirmar que a ordem da oração principal não seria variável. Ao contrário, a distribuição de sujeito e objeto seria bastante estrita e a aparente variabilidade decorreria de dois fatores: os sujeitos e objetos poderiam ser omitidos da oração principal quando já se mostrassem proeminentes no discurso precedente; e a oração como um todo poderia ser antecedida por tópicos e/ou sucedida por *tags* pronominais quando houvesse necessidade de salientar certos referentes do discurso (LIDDELL, 1980).

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Dicas de estudo

- Artigo científico, "O empreendimento Gerativo", de José Borges Neto, do livro *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, de Fernanda Mussalim e Ana Cristina Bentes. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3.

  A leitura deste texto é recomendada por apresentar a evolução das bases teóricas do programa gerativo e suas implicações para a análise linguística. Além de fornecer um histórico dessa abordagem, a leitura do artigo possibilita conhecer os pressupostos teóricos por trás das representações formais elaboradas pela Gramática Gerativa.

- Artigo científico, "O funcionalismo em linguística", de Erotilde Goreti Pezatti do livro *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos, de* Fernanda Mussalim e Ana Cristina Bentes. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3.

  Recomenda-se a leitura deste artigo para que se conheça, ao menos minimamente, uma outra abordagem de análise linguística, com suas diferentes soluções para os mesmos problemas e também pelo tratamento de questões que não interessam a uma abordagem formalista.

Atividades

1. Explane sobre a diferença entre a análise linguística da Gramática Tradicional e da Gramática Gerativa.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

2. Discuta a abordagem formalista e a funcionalista.

3. De acordo com Leite (2008), estudado no texto complementar, a descoberta de qual fenômeno linguístico na ASL (língua de sinais americana) levou muitos pesquisadores a reverem a questão da ordem dos constituintes na sentença, até então assumida como livre na ASL? Por que esse fenômeno motivou tal revisão?

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Referências

BERLINCK, R. de A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A.P. Sintaxe. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.) **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v.1.

FELIPE, Tanya Amara. A estrutura frasal na LSCB. *In*: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**, Recife, 1989.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma Gramática das Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. A competência linguistica. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística I**: objetos teóricos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007a.

_____. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007b.

QUADROS, Ronice Müller de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

Gabarito

1. Resposta mínima deve contemplar o fato de que a Gramática Normativa estabelece o que é sintaxe e como se estruturam as sentenças de uma língua a partir da elaboração de regras do bem falar e do bem escrever com base na análise de como escritores consagrados empregam as estruturas sintáticas da língua. A Gramática Gerativa, por sua vez, está interessada na sintaxe enquanto representação mental das estruturas linguísticas. Assim, na Gramática Gerativa, interessa a análise de estruturas sintáticas tal como se acredita que elas estejam organizadas na mente do falante.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

2. A abordagem formalista olha para a língua e formula sua análise do ponto de vista de que a língua é autônoma, um objeto de estudo em si mesma, não dependente do contexto, razão pela qual sua análise se detém apenas dentro do limite das sentenças. A visão funcional da linguagem considera que as formas e estruturas da língua são motivadas pelas necessidades comunicativas do falante. Sob essa perspectiva, a análise sintática deve considerar o contexto comunicacional e seus participantes para estabelecer como uma dada língua se estrutura, sendo que nessa abordagem a língua não é vista como um objeto em si mesma.

3. A descoberta dos sinais não manuais foi o fenômeno que levou à revisão da ideia de que a ordem dos constituintes das sentenças na ASL seria livre. Isso ocorreu pois estudos evidenciaram que os sinais não manuais são empregados para marcar estruturas sintáticas e relações entre os constituintes nas sentenças. Desse modo, o uso de determinados sinais não manuais acarreta ordens específicas dos constituintes.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br